

*“Guiá-los-ei aos ribeiros de água,  
por caminho direito em que não tropeçarão.”*

—Jeremias 31:9

**O ARAUTO**   
**DA SANTIDADE**

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE JUNHO DE 1980

● Quando ela procurou o pastor, estava em lágrimas. Dar-lhe-ei o nome de Cecília, para proteger a sua identidade. Não que a senhora tenha algo de vergonhoso no seu passado ou no comportamento presente.

Cecília é leal à sua igreja. Todos lhe têm amizade. Entretanto, houve tempo em que se preocupava muito, desejosa de encontrar meios dramáticos e frutíferos de praticar o que ela pensava ser o evangelismo pessoal.

E se usasse a rádio? Foi o que Cecília fez. Sintonizou um programa evangélico favorito, rodou ao máximo o botão de volume, e colocou o receptor perto da janela de vizinhos. A coisa acabou com a ameaça de chamar a polícia, confusão, desculpas e lágrimas de Cecília.

Entretanto, a lição teve o seu valor.

Levou Cecília a pedir a ajuda de pessoas mais experientes. Cedo ela descobriu o potencial enorme do contacto pessoal e directo, nomeadamente em círculos de familiares e amigos. Hoje, diz o pastor dela, a senhora é eficiente e respeitada ganhadora de almas. Tem um testemunho contagioso.

Quanto a nós, acautela-nos a evitar comportamentos e métodos que não dignificam a Palavra, tornando-se até propensos à hostilização.

O Evangelho veio satisfazer uma necessidade básica. Evangelizar é apresentar a oferta de Deus para o suprimento dessa fome universal.

Não nos move uma quota a satisfazer, como requerimento de disciplina religiosa; nem, tão pouco, o alvo exclusivo de encher bancos de igrejas ou o rol de membros duma organização. Queremos, sim, divulgar a Boa Nova. Neste processo, usamos também recursos da tecnologia moderna. Entretanto, em perspectiva correcta: venham eles suplementar o testemunho da vida pessoal, e num contexto socialmente recomendável.

Como Cecília, descobriremos que não é tanto pela amplificação do som, mas pela exemplificação da vida em Cristo, que ganhamos acesso aos ouvidos do mundo. □

# **MELODIA ATRAENTE**

—Jorge de Barros



# O Segredo da Humildade

—William M. Greathouse / Superintendente Geral

• Certa noite, A. Toscanini dirigia magistralmente a sua orquestra na execução da Nona Sinfonia de Beethoven. A assistência delirou. Toda a gente aplaudiu, assobiou e gritou: “Bravo! Bravo!”

Toscanini inclinou a cabeça várias vezes. Apontou para a orquestra e os seus componentes levantaram-se para agradecer a ovação. Passado algum tempo, os aplausos começaram a diminuir. Então, Toscanini virou-se, olhou atentamente para os músicos e, perturbado, exclamou: “Senhores! Senhores!” Os componentes da orquestra prestaram atenção. De que se tratava? Estaria o maestro descontente? Tê-lo-iam feito zangar por omitir alguma nota musical? Não. Toscanini não estava zangado —mas profundamente comovido com a grandiosidade da música de Beethoven.

Quase sem poder falar, Toscanini disse, emocionado: “Senhores, eu nada sou”. Confissão extraordinária de Toscanini que se tinha em alto conceito. “Senhores”, continuou, “você nada são”. Eles tinham ouvido isso, várias vezes, durante os ensaios. “Mas Beethoven”, concluiu Toscanini, “é tudo, tudo, tudo!”

Tal é a atitude daquele que antevê a glória da graça de Deus em Jesus Cristo. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. E todos nós recebemos, também, da sua plenitude, e graça por graça” (João 1:14, 16).

Assim como o orgulho é a quinta-essência do pecado, a humildade é a expressão mais genuína da fé cristã. A humildade é o reconhecimento maravilhoso de que, na nossa salvação, nós nada somos e Cristo é tudo. Como Harriet Auber confessou:

*Todas as virtudes que possuímos,  
E todas as vitórias ganhas,  
E todas as normas de santidade,  
Provêm unicamente de Cristo.*

Sendo um crente neo-testamentário não “procuro” ser humilde — *fui humilhado pelo Evangelho*. Tenho verificado que todo o bem que pode existir em mim, não provém de mim — mas de “fora de mim”, de Jesus Cristo, “o qual para nós foi feito, por Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (I Coríntios 1:30).

Diante do Crucificado eu exclamo: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz do nosso Senhor Jesus Cristo” (Gálatas 6:14). Ao pé da cruz a minha justiça é como “refugo” (Filipenses 3:8). Mas, através do sangue de Jesus derramado por mim, sou perdoado de todos os meus pecados e aceite por Deus! Ante a cruz “eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum” (Romanos 7:18). Contudo, por intermédio de Cristo, recebi o Espírito santificador e vivificador, pelo qual Deus diz: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós” (Romanos 8:9). “Assim como todo o mérito está no Filho de Deus, no que fez e sofreu por nós, também todo o poder radica no Espírito de Deus” (Wesley).

A humildade cristã não consiste em alguém se rebaixar até ao pó. Perante a “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo”, toda a glória pessoal desaparece — para que nos gloriemos n’Ele. “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós” (II Coríntios 4:7).

Lutero dizia que “diante de Deus, todos somos mendigos”. Mas mendigos que se tornaram ricos pelas “riquezas insondáveis de Cristo.” □



# Senhor Disse: Vai

E eu disse: "Quem, eu?"  
E Ele: "Sim, tu".  
E eu desculpei-me:

"Ainda não estou preparado;  
Tenho família;  
E não posso deixar os filhos;  
E Tu sabes que ninguém me pode substituir".  
E Ele disse: "Tu estás a desculpar-te".

Novamente o Senhor mandou: "Vai".  
E eu recusei: "Mas eu não quero ir".  
E Ele disse: "Não te pergunto se queres ir".  
Então, expliquei:

"Ouve, eu não sou pessoa de controvérsias.  
Além disso, a minha família não gosta;  
E que pensarão os meus vizinhos?"

E Ele respondeu: "Fracas desculpa".  
Pela terceira vez o Senhor disse: "Vai".  
E eu perguntei: "Tenho mesmo de ir?"  
E Ele insistiu: "Amas-me?"  
E eu respondi:

"Olha, tenho receio.  
O povo para onde for poderá odiar-me  
E, talvez, submeter-me a torturas.  
Não posso decidir-me por mim mesmo".

E Ele indagou: "Onde pensas tu que Eu estarei?"  
E o Senhor repetiu: "Vai".  
E eu aceitei: "Eis-me aqui, envia-me a mim"

(Isaías 6:8).

## O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX  
Número 12  
15 de Junho de 1980

H. T. REZA, Director Geral  
JORGE DE BARROS, Director  
ACÁCIO PEREIRA, Redactor  
ISAAC ABUNDIS, Artista  
CASA NAZARENA DE  
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Foto por  
Joel A. Tentori





# O Evangelismo Recruta a Todos



● Evangelismo é um programa de proclamação, pois o evangelho também o é.

Como programa, o evangelismo inclui todas as pessoas. Pressupõe ordem, objectivos, obediência a um mandato e oração.

É ordem porque está sistematizado. O programa de evangelismo é, como o nome indica, uma relação de acontecimentos, de actividades e de pessoas. A Igreja do Nazareno tem um programa de evangelismo baseado na premissa de que o seu espírito vibra no coração de todos os crentes.

É objectivo, porque proclama o Evangelho que leva muitas pessoas a aceitarem Jesus Cristo como Salvador. Os convertidos formam um grupo chamado missão, que depois se torna igreja e, por

fim, distrito. O objectivo é o crescimento da Igreja que Deus adquiriu com o Seu sangue.

É obediência a um mandato, se atendemos à grande comissão de Cristo: "Ide, ensinai todas as nações" (Mateus 28:19). É também mandato para nós, pois a nossa Igreja continua a insistir que os crentes se tornem verdadeiros ganhadores de almas para Cristo.

É oração. Sem oração nunca se conseguirá a salvação

das almas. Jesus disse que há problemas que só se resolvem com oração e jejum. Com a oração há mais união e se obtém a intervenção de Deus nas circunstâncias mais difíceis.

Tendo isto em conta, o Departamento de Evangelismo estabeleceu um quadro de honra para as igrejas organizadas. Participarão as que receberem novos membros por profissão de fé ou carta de recomendação de outra denominação. Os superintendentes de distrito e a Junta de Vida Cristã, após verificação dos alvos atingidos, recomendarão que tal igreja receba o certificado.

O evangelismo não é tarefa de uma ou de duas pessoas. É de todas. Cooperemos, você e eu, para que a Igreja cresça. □

● Em relação à vontade de Deus, o cristão genuinamente consagrado sente dificuldade não em obedecer ou desobedecer, mas em *como conhecê-la*.

Em certos casos, conhecer a vontade de Deus não representa qualquer problema. Quanto aos assuntos mais importantes da vida, o Senhor revelou na Bíblia a Sua vontade, por meio do Seu Espírito. Os princípios de justiça expostos na Sagrada Escritura são claros e compreensíveis.

Inclusive, o Senhor dirige individualmente Seus filhos através da Palavra escrita. Deus deseja que todos os homens se convertam e sejam santos; e que Seus filhos testemunhem da Sua graça. Mas não é vontade de Deus que todos preguem, ensinem, sejam missionários de carreira e tenham vida idêntica.

Talvez muitos pensem que seria mais conveniente termos Deus a explicar a Sua vontade. Assim, bastaria consultar um código para se encontrar a resposta almejada. É evidente que tal recurso seria impossível.

Como o expressou E. Stanley Jones: "Deus dirige-nos, não faz planos". Se um pai programasse todas as actividades do filho, minuto após minuto, ser-lhe-ia prejudicial. Impediria o filho de se desenvolver e de ter iniciativa. Ele deve, antes, ajudar o filho a fazer boas decisões enquanto, devido à sua idade, for incapaz de as fazer.

Não constitui problema sério para o cristão decidir entre o bem e o mal. É possível que ele seja tentado ao mal, mas os seus princípios morais o levarão a inclinar-se para o bem. O problema principia quando surge a alternativa de escolher entre o bom e o melhor, entre o melhor e o excelente. É precisamente aqui que o cristão sente necessidade de ser dirigido por Deus e pela Sua Palavra.

A complexidade da vida e as múltiplas alternativas, tornam quase impossível estabelecer um código de regras para se conhe-

cer inequivocamente a vontade de Deus. Num dos seus livros, Martin W. Knapp sugere quatro perguntas perante situações morais: É bíblico? É razoável? É moralmente correcto? É providencial? Estas perguntas eliminam certa possibilidade de errar. No entanto, há ocasiões em que não respondem com clareza às alternativas.

Everett L. Cattell acrescenta mais uma pergunta: "*Esta impressão vem dum convicção ainda mais firme?* Isto é o verdadeiro âmage da direcção do Espírito. Às vezes tenho recebido com grande entusiasmo determinada ideia; mas com surpresa se desvanece em pouco tempo. A verdadeira voz de Deus é uma convicção que vai crescendo à medida que o tempo passa até se tornar evidente e compulsiva" (*O Espírito de Santidade*).

Outra ajuda útil encontra-se na sugestão de que para obter a direcção divina basta imitar Cristo. Esta ideia deve moldar a vida do crente. Se não sabe que fazer, ou qual é a vontade de Deus, faça o que Cristo faria no seu lugar e nunca se equivocará. Quando

# A Vontade de Deus

—W. T. Purkiser

receber forte impressão interior não conforme à natureza de Cristo, rejeite-a. Deus não inspira para se agir contra a natureza de Cristo, pois Deus e Cristo são Um.

O Novo Testamento menciona com frequência a direcção do Espírito Santo. "Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus" (Romanos 8:14). Na igreja de Antioquia, depois dos irmãos orarem e jejuarem, "disse o Espírito Santo: Apartai-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado" (Actos 13:2). Noutra ocasião, perante uma dificuldade da Igreja Primitiva, chegou-se à seguinte conclusão: "Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias" (Actos 15:28).

Esta espécie de direcção, tanto colectiva como individual, parece ter desaparecido da igreja actual. Como alguém disse: É mais fácil discutir do que meditar, falar do que ouvir, basear as decisões no voto popular do que na voz quase imperceptível de Deus. O resultado é competição em vez de cooperação. As reuniões e sessões da igreja que deviam terminar em calma e boa harmonia, acabam, por vezes, em ressentimentos e amarguras.

Não se trata de imitar os métodos do mundo, mas de se parecer mais a Cristo. A discrepância é admissível, quando se procura em tudo fazer a vontade de Deus sob a direcção do Espírito Santo.

É igualmente importante a arte de escutar, de estar atento à voz de Deus nos negócios pessoais. Façamos as nossas decisões à luz da eternidade e sob a direcção de Deus. Não se aprende com só desejá-lo, é preciso esperar com paciência. Ouviremos claramente a voz de Deus no mais profundo da nossa alma, quando se calar à nossa volta o clamor da multidão; e quando afastarmos os nossos desejos pessoais para os substituímos pela suprema vontade de Deus. "Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus" (Salmo 46:10). □

● Bob McCroski, missionário nazareno em Filipinas, falou-nos acerca da igreja nesse país. Com justificado orgulho informou-nos que quatro filipinos nazarenos tinham sido enviados para África como médicos missionários. As palavras que se seguem, ficaram-me gravadas na mente: "Nós somos uma igreja que envia".

Uma igreja que envia! Certamente é o que todas as igrejas devem ser. O meu pensamento dirigiu-se a alguns exemplos do Novo Testamento que nos devem inspirar a ser igrejas que enviam.

A igreja de Antioquia era-o. Enviou *pessoal*. Desta igreja saíram os grandes missionários Paulo e Barnabé. Lemos: "Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram" (Actos 13:3).

Estes homens eram membros activos da junta pastoral de Antioquia. A igreja podia ter arguido, logicamente, que necessitava deles, pois eram úteis e fariam falta. Mas Deus chamava-os para outra parte e a igreja concordou em enviá-los. Quando "puseram sobre eles as mãos", eles entregaram-se à tarefa ordenada por Deus.

As igrejas distinguem-se não só pelas pessoas que recebem, mas também pelas que enviam. Por vezes, custa enviar, mas Deus sabe bem o que faz. As nossas igrejas devem honrar a Deus mandando missionários para trabalharem noutros lugares — não lastimando o sacrifício, mas regozijando-se pela oportunidade.

A igreja de Filipos também enviava. Os seus membros deram *dinheiro*. A carta que Paulo lhes escreveu é, em parte, uma nota de agradecimento pela ajuda económica que tinham dado ao seu ministério. Ele explicitou: "Porque, também, uma e outra vez me mandastes o necessário" (Filipenses 4:16).

Nem todas as igrejas eram como a de Filipos; e Paulo reconheceu-o. Por isso escreveu: "Nenhuma igreja comunicou comigo, com respeito a dar e a receber,

senão vós, somente" (Filipenses 4:15). Todas as igrejas deviam ser como ela! A obra de Deus avançará na medida em que as igrejas se comprometerem a pagar o preço de enviar a mensagem cristã a outros povos. Só através de uma igreja generosa, poderá o mundo conhecer Jesus Cristo como Salvador.

É-nos recordado, constantemente, que nada levaremos para a outra vida. Você poderá amontoar muito dinheiro, mas só morrerá espiritualmente rico, se for generoso e apoiar financeiramente a obra de Deus. No mundo há três categorias de pessoas — os que recebem, os que guardam e os que dão. Os últimos são os que formam a igreja que envia, desejosa de colaborar no trabalho do Senhor em qualquer parte e, também, na própria comunidade.

A igreja de Tessalónica enviava o *Evangelho*. Na primeira carta aos tessalonicenses, Paulo elogiou-os por serem uma igreja exemplar, "um exemplo para todos os fiéis". Porquê? "Porque por vós soou a palavra do Senhor ... em todos os lugares" (1:8). Receberam a Palavra de Deus, mas não a retiveram. Espalharam-na para que outros

compartilhassem do seu poder transformador.

O Evangelho não deve fluir para a igreja como o rio Jordão para o Mar Morto, onde fica aprisionado. Uma igreja mesquinha acabará por morrer. As missões são assunto de vida ou de morte.

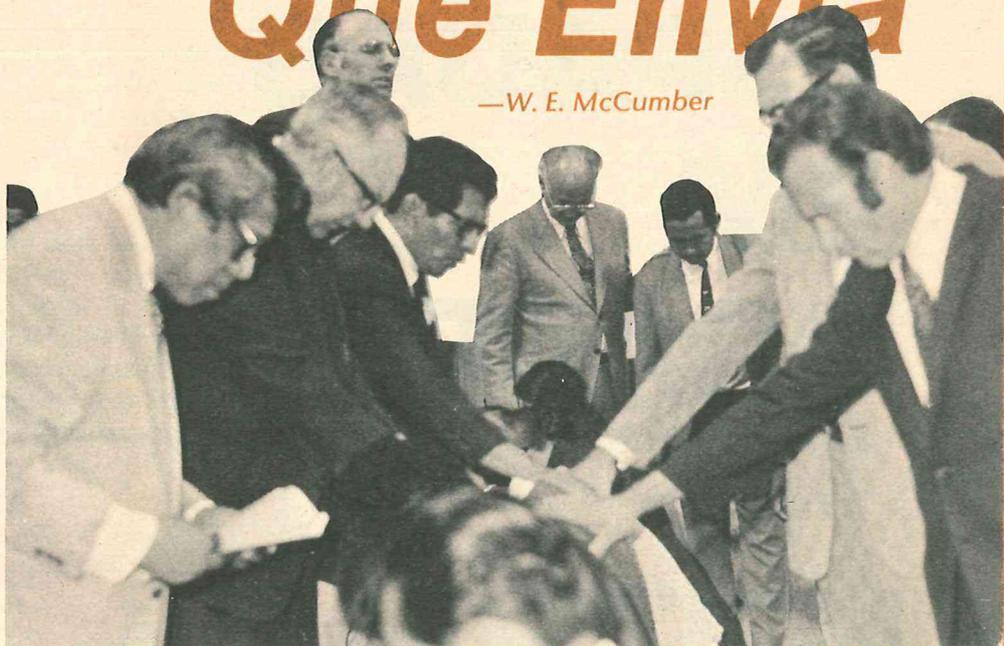
Lemos, entretanto, que a igreja de Laodiceia não enviava. Os seus crentes viviam em abundância material, mas em pobreza espiritual. O fogo do amor tinha-se extinguido. A igreja chegara a um estado tal de tibieza, que corria o perigo de se afastar do Senhor (Apocalipse 3:16-17).

Deus é um Deus que envia. O Pai enviou ao mundo o Filho, para que Este fosse seu Salvador (I João 4:14). O Filho enviou os discípulos para serem Suas testemunhas (João 20:21). A equipa missionária de Paulo e Barnabé foi enviada pelo Espírito Santo (Actos 13:4). O amor generoso de Deus repreende firmemente o egoísmo humano. Só uma igreja que envie, pode, verdadeiramente, representar um Deus que envia.

Pastor, crentes, a vossa é "uma igreja que envia?" Desejam compartilhar com outros — do vosso pessoal, dinheiro e Evangelho? □

# Uma Igreja Que Envia

—W. E. McCumber



● Recentemente, todos os moradores duma vila dos Estados Unidos tiveram de ser evacuados, pelo perigo de explosão num laboratório nuclear radicado nos arredores. Como é costume em semelhantes casos, os meios de comunicação espalharam a notícia por todo o mundo com certo dramatismo.

A reacção não se fez esperar. Em vários países da Europa houve manifestações e desfiles de protesto contra o uso da energia nuclear.

Porém, segundo os cientistas, o uso da energia nuclear não só tem fins bélicos nas também pacíficos. A energia nuclear, entre outras aplicações, gera electricidade, move barcos e serve em tratamentos de determinadas doenças.

Há muitos séculos, ao descrever a sua visão do reino universal de Deus, o profeta Isaías disse: "Estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra" (2:4).

Quando se tornará realidade tão bela descrição? Será o uso pacífico da energia nuclear o começo do cumprimento da profecia?

Assisti com o Rev. Jorge de Barros a um simpósio sobre a imprensa religiosa na sede da ONU

(Organização das Nações Unidas), em Nova Iorque. Representantes da imprensa religiosa se reuniram durante três dias com embaixadores e dirigentes mundiais. O Secretário Geral, Kurt Waldheim, deu uma conferência de imprensa na sala do conselho de segurança. A visita a esse local impressionou-me. Logo à entrada, o monumento oferecido pela Rússia, em 1959, tem esculpidas as palavras do profeta Isaías: "Converterão as suas espadas em relhas de arados" (2:4).

Perante a megestade da ONU — seus edifícios, monumentos, funcionários e visitantes — pergunto: Quando se concretizará a profecia de Isaías? Quando desfru-

tará o ser humano de paz mundial?

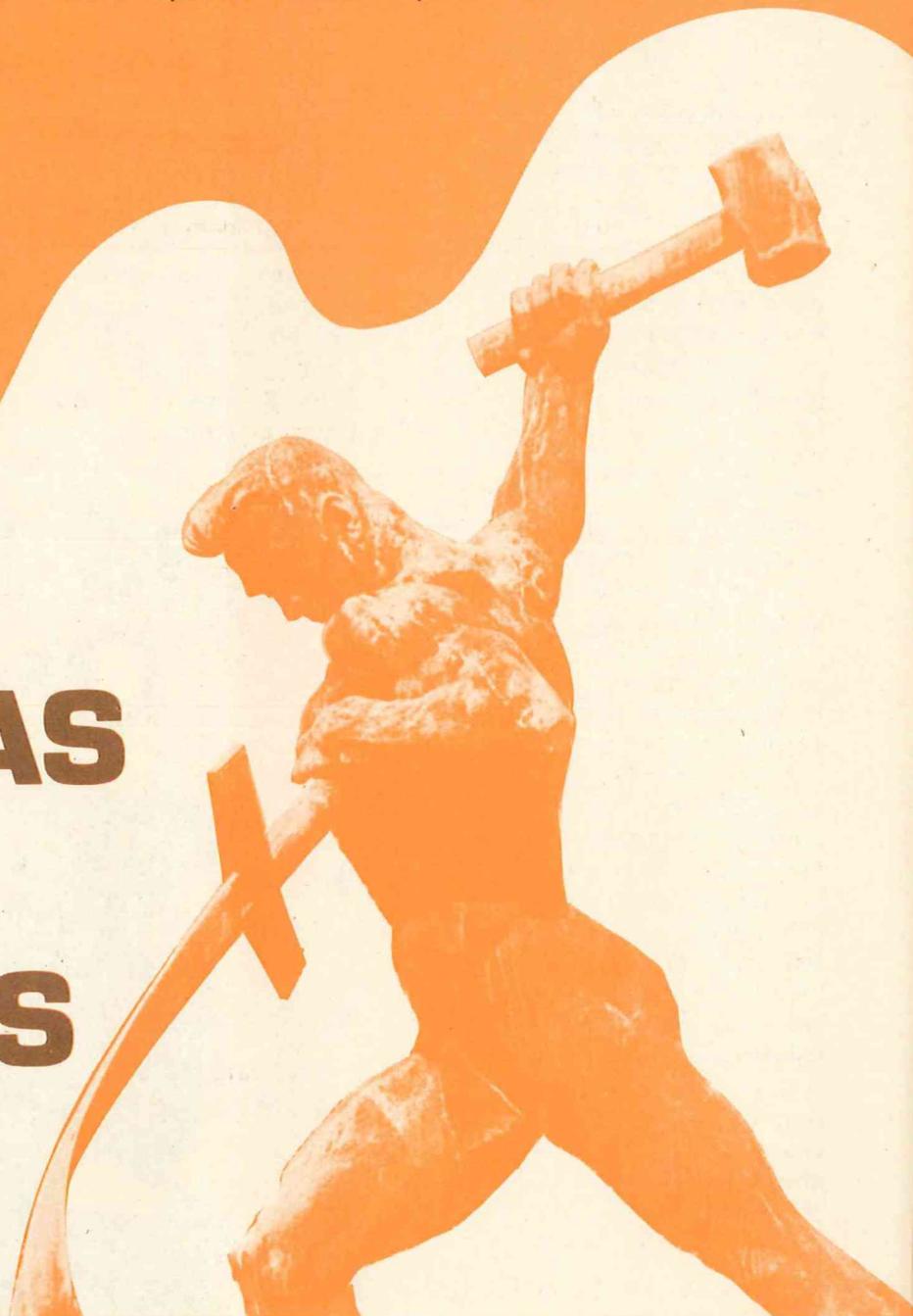
Há quem conjecture que o cumprimento da profecia está próximo. Dirigentes de vários países buscam soluções pacíficas. Representantes de dois povos em luta durante séculos, deram um aperto de mão e abraçaram-se.

Começarão estas profecias a cumprir-se?

Não sabemos. Entretanto, cabe aos cristãos continuar a proclamar o Evangelho, as Boas Novas d'Aquele que oferece bases seguras para a paz e concórdia no mundo: Jesus Cristo. Só n'Ele e por Ele se obtem paz com Deus e com o próximo — verdadeira paz mundial. □

# ESPADAS EM ARADOS

—José Pacheco



# CRESCIMENTO

—Eudo T. Almeida\*

● “Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento”, diz-nos Paulo, em I Coríntios 3:6. Uma igreja confusa e perturbada por contendas internas não crescerá de forma saudável.

A obra do Senhor é um trabalho de cooperação: Deus e os homens de mãos dadas, operando juntos. Carneggie dizia: “Tirai-me as máquinas, mas deixai-me os homens”. Ele estava certo. Sem homens, nem indústrias nem igrejas avançam. Cristo precisou de homens e, ainda precisa deles, para levar avante Sua obra. Quando os homens causam divisões dentro da igreja, então a situação agrava-se. Algumas igrejas têm aparecido aqui e ali, como resultado de tais contendas.

Fomos chamados para ser instrumentos nas mãos de Deus e não para atrairmos atenção. Deus deve ser sempre o centro das atenções e acções de graças. Paulo explicitou-o ao falar de cooperadores e de lavoura de Deus (I Coríntios 3:9). Assim, um põe o fundamento, outro levanta o edifício de Deus. O crescimento virá coroar o esforço do homem que com sabedoria cooperou na obra. “Portanto”, diz Paulo, “ninguém se glorie nos homens” (3:21).

O crescimento da igreja, ainda que obra de Deus, depende da forma como os homens, harmoniosamente, cooperarem. Uma casa dividida não subsistirá. Satanás sabe isso. Sabemos do homem que, sentindo a morte próxima, chamou os três filhos e com três varas de vimes deu-lhes uma lição objectiva sobre a união. Que ela nos ajude também a lembrar que, no lar ou na igreja, o “sentir a mesma coisa”, “ter o mesmo sentimento”, são factores indispensáveis para o êxito.

Alguns esperam o crescimento da igreja de forma errada ou por geração espontânea. Nada fazem, murmuram; não dizem, criticam; não convidam, mas esperam ver bancos cheios; querem que o culto termine à hora certa, mas chegam tarde.

Jesus explicou como a Igreja cresce (João 15:1-16).

Cortar da videira um ramo seco é para Jesus uma forma de crescer. Uma senhora, antes de sair para férias, pediu ao jardineiro que cuidasse da roseira do quintal. Ela ainda teve tempo de o ver podar e reduzir a roseira. Saiu pensando que o jardineiro tinha exagerado no corte. Ao voltar, encontrou a roseira mais florida e bela. Assim opera Deus na Sua vinha: tira o que não dá fruto e limpa o que é bom.

Tenhamos paciência para ver o crescimento a seu tempo; suportemos um crescimento difícil, pois “o joio e o trigo” estão a crescer juntos “até a ceifa”.

Jesus tratou com paciência o duvidoso Tomé, o medroso Pedro e o traidor Judas. Como alguém disse: “Fiz tudo para chegar a cem, cheguei a oitenta, não se perdeu tudo, ganhei alguns”. Na arca de Noé caberiam mais pessoas. Quando por cento e vinte anos ele pregava, esperava mais viajantes; mas a nova geração começaria de poucos. Ló diligenciou falar com os genros, mas teve de sair da cidade como uma família parecida a muitas igrejas: uma mistura de joio e trigo.

O cortar é sempre doloroso e fere nossa estatística. Mas ninguém deve ficar desesperado quando um “poste” dá lugar a uma “árvore”.

Uma das formas que Deus usa para fazer crescer Sua Igreja é pedir-nos algum tempo para o Seu serviço. Uns saem em visitas, convites, distribuição de literatura; e outros vão para o Seminário. Também pede que tiremos, do nosso ganho, o dízimo para o sustento da obra do Senhor.

Esperar que a igreja cresça, sem crescermos individualmente, é insensatez. Querer ser membro de igreja e nada fazer, é traição. Conta-se que um certo senhor quis ser membro duma igreja e foi falar com o pastor.

—Muito bem, teremos prazer em tê-lo como membro. Em que departamento da igreja você quer trabalhar?

—O senhor não me entendeu, eu somente queria ser membro da sua igreja.

—Certo. Mas nós temos a igreja dividida em departamentos de trabalho: Escola Dominical, Sociedade Missionária, Juventude, os que visitam hospitais, os que distribuem literatura.

—Mas eu desejava somente ser membro da igreja, sem qualquer responsabilidade particular.

—Ah! Compreendo. Você não está a procurar a nossa igreja. Vá até à Igreja do *descanso celestial* e torne-se membro dela. □

\*Santo André, Brasil

- “Então, disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros” (Mateus 9:37).  
O avivamento é tempo de colheita. É uma oportunidade da igreja ganhar outras pessoas para Cristo. O avivamento e a colheita andam juntos. Existem três etapas aqui relacionadas.

1. *Antes do avivamento ou da colheita.* Há sempre o trabalho de preparação. Ainda recorro o tempo de criança, quando vivia no campo. Parecia-me estranho que, antes de cortar o trigo, tivesse de ajudar meu pai a tratar das mulas. Não compreendia bem a relação que havia entre uma coisa e a outra.

Afiávamos as foices numa roda de esmeril. O meu trabalho consistia em fazer girar a roda, enquanto meu pai afiava cada foice com muito cuidado. Também não via a razão de ser necessário afiá-las tanto.

Antes da colheita, os animais de carga precisavam de boa alimentação. Eu cortava a palha em pedacitos, o que para mim, nessa altura, era trabalho difícil.

Todas as tarefas preparatórias me pareciam desnecessárias, mas faziam parte da colheita. Da mesma forma, pensamos muitas vezes que determinadas tarefas antes do avivamento eram escusadas.

Alguns dirão: “Por que visitar e convidar pessoas? Bastaria anunciar os cultos no jornal e a gente viria”. Outros acrescentarão: “Por que há obrigação de orar? Pagamos a um evangelista para ele orar e assumir a responsabilidade”. Essas pessoas não compreendem que todos os instrumentos devem estar bem afiados para haver êxito na colheita.

2. *Durante o avivamento ou colheita.* No tempo da colheita toda a família se empenha em trabalhar. O mesmo deve acontecer durante o avivamento: cada pessoa precisa de fazer a sua parte. A tarefa de colher almas não é só do pastor, do evangelista ou da Junta da Igreja; pertence a todos — e a cada um individualmente. O trabalho unido feito para glória de Deus conduzirá ao avivamento.

# Avivamento: Tempo de Colheita

Na época da colheita ninguém pode faltar ao serviço. Se a colheita não for feita a tempo, corre-se o risco de a perder. Também no avivamento é exigido o esforço comum. São dias especiais em que estaremos empenhados desde o princípio até ao fim.

Para acudir a essa tarefa temos de deixar para outra ocasião actividades menos urgentes. A colheita é essencial na vida do lavrador. Também, se queremos dar o melhor a Deus durante o avivamento, teremos de deixar o desporto, a pesca, a televisão e aplicar-nos com mais afinco à oração, a fazer visitas e a ler a Bíblia.

Os dias de avivamento são cheios de actividades e passam depressa. Aproveitemos todos os momentos antes, durante e depois.

3. *Depois do avivamento ou da colheita.* É quando o agricultor avalia o que recolheu. Examina o lucro e os gastos despendidos. Sente-se feliz quando verifica que tirou proveito do seu trabalho.

O mesmo acontece na igreja depois do avivamento. Faz-se o registro dos resultados. Quantas pessoas foram ganhas para Cristo? Uma, cinco, vinte? Uma alma é mais preciosa que qualquer colheita terrena. O tempo depois do avivamento é de regozijo, porque Deus abençoou os santos, fortificou os crentes e salvou os pecadores.

Atingiu-se o alvo pretendido? Se assim foi, graças a Deus. Procuremos vencer os obstáculos. A presença de Deus, a preparação e o trabalho assíduo durante o avivamento, constituem bases seguras para uma colheita abundante.

Trabalhem de modo especial nesses dias. Façamos quanto estiver ao nosso alcance, antes e durante o avivamento, para depois nos regozijarmos na obra do Senhor.

“A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros.” □

# OLHANDO PARA JESUS

—Luciano Duarte Silva\*



• As Escrituras afirmam com sabedoria: “Os olhos não se far-tam de ver” (Eclesiastes 1:8). Basta contemplar o sol mergulhan-do no azul do oceano e o lago plácido entre montanhas reflectin-do qual espelho nuvens e borboletas, para nos emocionarmos.

Lemos no Evangelho como Jesus orava: “Erguendo os olhos para o céu”. Imagino-O, hoje, nas grandes cidades indus-trializadas como São Paulo, onde tudo é cinzento em todas as estações do ano (diz-se que sobem a 4 700 toneladas de monóxido de carbono para aqueles céus poluídos).

Assim como é possível constatar uma mudança no céu dos dias de Jesus, pode-se também comprovar que Ele é o mesmo.

Que observamos hoje: Ídolos? Miséria social? Confusão política? O caos? Vemos tudo e muito mais! Deter-se aqui seria o fim. Mas ouçamos a Bíblia: “Olhai para mim”, diz o Senhor, “e sede salvos” (Isaías 45:22).

Que sublimidade olhar para Jesus! Ele esteve na cruz onde morreu para nos salvar; no túmulo de onde ressurgiu; e, agora, está assentado à direita do Pai. Ele vive para sempre!

Olhar para Jesus. São apenas três palavras, mas encerram o segredo duma vida transfor-mada, desde que o olhar seja sincero. Foi o Senhor que disse: “Quem me vê a mim, vê o Pai” (João 14:9). □

\*Belo Horizonte, Brasil

## À SEMELHANÇA DE CRISTO

JOHN A. KNIGHT,  
Autor, é Presidente da  
Faculdade Nazarena  
de Betânia

Extractos do livro . . .

“O desígnio de Deus para um povo santo não é uma chamada para a craveira de super-santo, mas um dom para todos os discípulos confiantes.

Esse destino tão elevado do homem em assegurar a ima-gem moral de Deus, está revelado na Bíblia tanto explícita como implicitamente.

A redenção provê mais que o perdão dos pecados e a adopção na família de Deus.

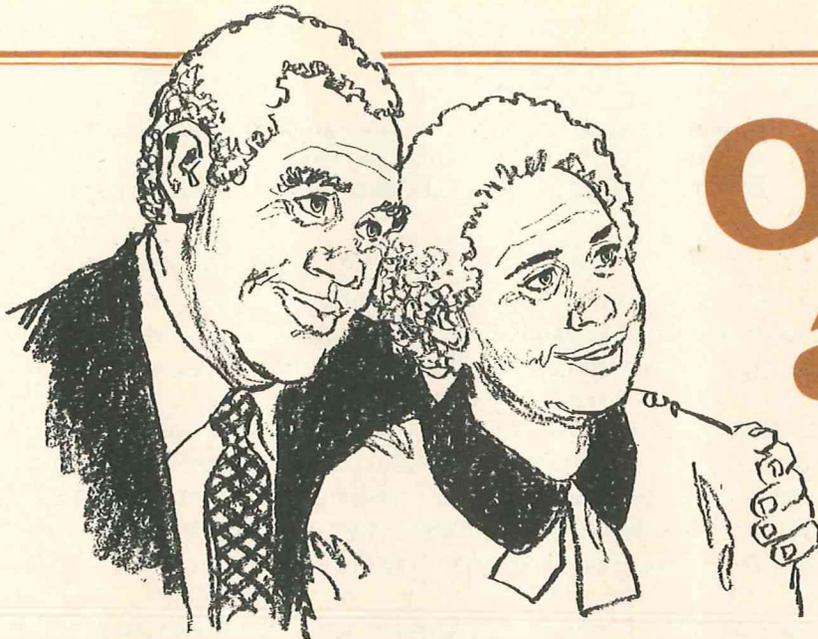
Assim como não se pode viver indefinidamente só com uma respiração, também não se pode alimentar a vida espi-ritual só com um acto de fé.”

A grande verdade da santidade de coração e vida está apresentada com clareza e fundamentada nas Escrituras. Um estudo que deve ser feito com a Bíblia aberta. “À Semelhança de Cristo” ajudará sobremaneira a compreender melhor a vida de santidade a que Deus chamou os Seus filhos.



Preço U.S. \$2.00

Encomende hoje o seu exemplar à  
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES



# O Sr. e a Sra. Jó

—A. Elwood Sanner

- *“De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo” (II Coríntios 12:9).*

Uma das lições que os anos nos ensinam é que Deus, por vezes, envolve as Suas bênçãos com sofrimento. Exemplo comovedor desta verdade é um casal que assiste à nossa igreja — e ao que chamaremos “sr. e sra. Jó”. Muitas angústias e tribulações têm caído sobre eles e o seu lar: vários tratamentos e operações cirúrgicas, pressões económicas e desilusões pessoais.

No entanto, o casal sempre se mantém fervoroso, animado, fiel e vitorioso. Particularmente, certas qualidades que caracterizam o “sr. e a sra. Jó” criam em quem os observa grande admiração.

## **Compaixão genuína**

O casal mostra verdadeiro interesse — não só pelos filhos e demais familiares — mas também pelos vizinhos. Qualquer pessoa que tenha problemas, necessidades ou aflições, mesmo entre a gente da cidade, torna-se objecto da sua compaixão, amor e bondade.

Os jovens do bairro encaminham-se para a sua porta. Quando o “sr. e a sra. Jó” viajam, os vizinhos recebem cartões que eles enviam de longe. Os enfermos e aflitos podem contar com eles ao lado da cama e no lar. A sua mesa está quase sempre repleta de convidados. À medida que passam os anos, mais nos convencemos de que são pessoas que amam o próximo.

## **Alegria inesgotável**

Por vezes, acostumamo-nos a sorrir — um gesto artificial, como o das pessoas nos anúncios comerciais da televisão, motivadas pela esperança do lucro. Mas os sorrisos que brotam dum coração de fé e de vontade inquebrantável são diferentes.

Não é raro ouvirmos anedotas jocosas — nem sempre benéficas — de narradores peritos. Todavia, anedotas e ditos com propósito optimista convertem-se em meios de edificação.

Tal é o caso do “sr. e da sra. Jó” que, por sorrisos, cumprimentos e anedotas sadias, comunicam alegria e animam a quantos os rodeiam.

## **Esperança gloriosa**

Como filhos da Reforma, temos ouvido a doutrina da justificação pela fé e, provavelmente, aprendido que “andamos por fé e não por vista” (II Coríntios 5:7). Mas a esperança também faz parte da vida cristã: “Porque em esperança somos salvos” (Romanos 8:24). “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor” (I Coríntios 13:13).

De “um poço” horrível de sofrimento e esperanças quase perdidas, os nossos amigos conseguiram sair uma vez após outra, e atingir novos alvos. Quando lhes é sugerido que percam a esperança, eles respondem: “Ela faz parte de nós mesmos”. Esta esperança é gloriosa. E, por que não? Se até no coração do homem incrédulo existe “uma centelha de esperança eterna”, quanto mais no do crente? “O amor... tudo espera” (I Coríntios 13:7).

O sr. e a sra. Jó são os primeiros a reconhecer que estas qualidades se desenvolveram neles como ouro refinado no fogo. Os sofrimentos e angústias foram o crisol através do qual Deus fortaleceu o seu espírito.

O mundo está cheio de sofrimento. Os jornais confirmam-no. A Bíblia menciona-o. Os hinos da igreja falam de tribulação e vitória.

Só o crente experiente poderá unir-se ao Apóstolo nesta declaração: “De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas” (II Coríntios 12:9). □

● Os anos passados em ajudar pessoas com problemas de toda a espécie convenceram-me de que, na maioria dos casos, eles não existiriam — ou teriam solução — se as pessoas se tratassem com delicadeza.

Cortesia, delicadeza, educação, bons modos — ou como lhe queiram chamar — é a oferta que nunca iguala a procura. “Não é tanto o que o meu marido diz”, confidenciava entre lágrimas uma senhora, “mas a forma como o diz. Ele fala sempre a gritar.”

“Eu detesto o meu chefe”, dizia um operário, “pois ele nunca aprecia o que eu faço.”

“O que os nossos filhos adolescentes nos dão”, lamentava uma mãe, “é apenas mau gênio.”

Estas queixas provêm não só das pessoas que me têm pedido conselho, mas de homens e mulheres de todas as latitudes com fome de cortesia. “Os bons modos”, declarou R. W. Emerson, “são a forma feliz de fazer as coisas.” O contrário também é certo. Os maus modos podem arruinar uma vida ou afundar qualquer amizade.

Quais os ingredientes básicos da delicadeza? Um deles é o sentimento de justiça. Os pequenos nada são, por vezes, o que mais nos sensibiliza. Certo amigo contou-me que conduzia seu carro por uma estrada poeirenta com sentido único, na subida numa encosta. À sua frente ia outro veículo que levantava grandes nuvens de pó. Antes de chegarem à estrada alcatroada, o motorista da frente parou ao lado do caminho num lugar mais amplo. O que vinha atrás, pensando que o outro tivera qualquer avaria, parou e perguntou: “Precisa de ajuda?” “Não”, respondeu. “O caso é que você tem suportado até aqui o pó que eu levanto. É justo que eu agora suporte o seu no resto do caminho.” Era, realmente, um homem de bons modos.

Outra norma da cortesia é mostrar simpatia; virtude que capacita alguém a penetrar no íntimo do próximo para aliviar o sofrimento. Li, algures, o seguinte:

Um homem que comia só, procurou tirar a rolha dum garrafa de sumo. Mas, por causa da artrite dos dedos, não conseguiu. Então pediu ao empregado que o ajudasse. O jovem pegou na garrafa, virou as costas e começou a tirar a rolha. Depois, voltando-se para o homem da mesa, fingiu fazer grande esforço. Levou a garrafa para a cozinha. Ao regressar disse ao cliente que só conseguira desarrolhar a garrafa com a ajuda dum alicate. A seu modo, o jovem procurara não ferir os sentimentos do enfermo. Mostrou cortesia compassiva.

Ainda existe outro modo de mostrar cortesia: tratar todas as pessoas por igual, sem olhar à posição ou importância. Em caso de dúvida na identificação de alguém, sejamos o mais delicados possível.

Podemos melhorar a nossa atitude para com os outros, procurando:

1. Praticar a cortesia com perseverança. Os bons modos adquirem-se com a repetição.

Uma forma simples de o fazer é, durante uma semana, prestar mais atenção a determinada área da nossa vida. Por exemplo, evitar ser áspero ao telefone ou desligar bruscamente. Ao viajar, não apitar sem

necessidade, não se aproximar demasiado dos outros carros e dar prioridade.

Não paguemos com a mesma moeda os maus modos de outras pessoas. Um jovem que ia de noite num carro ao lado do pai, viu outro veículo em sentido contrário com os máximos. Então pediu ao pai: “Acende também tu os máximos”.

“Filho”, respondeu o pai. “Esse homem está a ser descortês mas, se eu acender os máximos, ficará cego. Não quero criar-lhe problemas.”

2. Para melhorar a nossa atitude, devemos pensar em ser delicados. Se os nossos pensamentos se concentrarem só em nós, faltaremos à cortesia. Mas, se adquirirmos o hábito de nos identificarmos com os problemas, esperanças e temores dos outros, os bons modos passarão a ser automáticos.

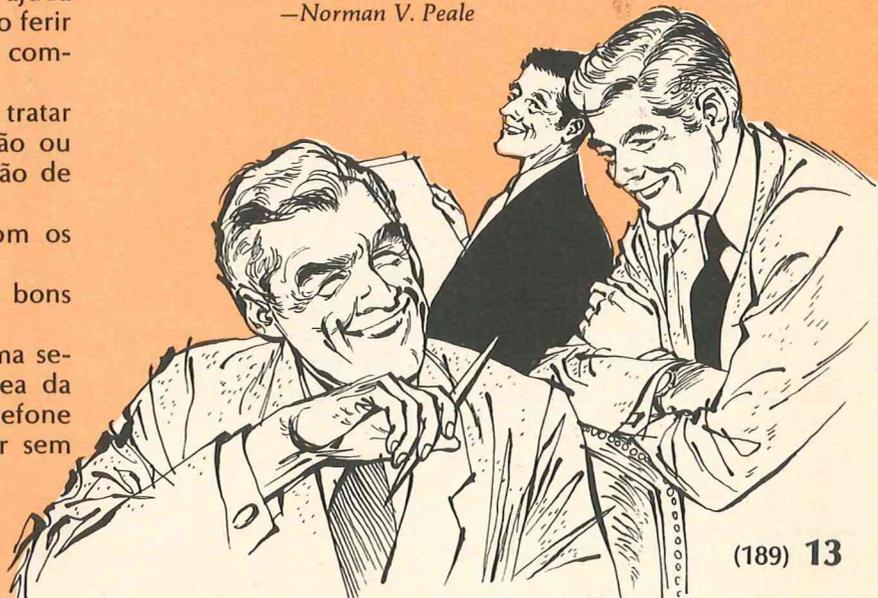
A cortesia no lar é muito importante. Na intimidade familiar é fácil descarregar no outro cônjuge decepções, frustrações e aborrecimentos pessoais.

“Quando você notar que as suas reacções estão descontroladas”, tenho aconselhado, “comprometa-se nos dez minutos seguintes a tratar o outro cônjuge como hóspede.” Se o conseguir, o pior da tormenta terá passado.

3. Finalmente, para adquirir bons modos, há que aceitar a cortesia dos outros com compreensão e alegria. Parece estranho, mas muitas pessoas ficam desconfiadas com um tratamento afável. Sejamos delicados: é a chave dum mundo mais feliz. □

## CORTESIA: CHAVE DUM MUNDO FELIZ

—Norman V. Peale



# Poder Para Testificar



—Leslie Wooten

● A preparação para o evangelismo pessoal é importante. Mas treino alienado do poder divino, torna-se infrutífero e débil quanto ao objectivo e métodos de ganhar almas. Precisamos do poder do alto, se queremos ter resultados mais efectivos no testemunho pessoal e na salvação de almas.

Jesus ministrou aos Seus discípulos um curso de três anos. Mesmo assim, eles fracassaram quando o caminho se tornou pedregoso. Só triunfaram após o Pentecostes.

Frank McConnel, evangelista e ganhador de almas, disse à nossa congregação que a razão por que não ganhávamos mais almas para Cristo e para a igreja, era porque tínhamos medo das pessoas.

O Dr. Jack Hyles, que tem testificado a milhares, diz a mesma coisa num dos seus livros. Crê que a razão de muitos cristãos não darem o seu testemunho, baseia-se no medo que têm. Por outras palavras, muitos crentes deixam-se influenciar mais pelo que as pessoas podem pensar a seu respeito, do que pelo mandato de Cristo.

Maggie Crawford dizia que “o espírito temeroso do homem era uma forte tendência da antiga natureza carnal”. Ela declarou publicamente que tinha medo de testificar antes do batismo com o Espírito Santo. Mas depois, recebera poder para o fazer com fruto.

É precisamente isto que Jesus ordenou: “Ficai... até que do alto sejais revestidos de poder” (Lucas 24:49). “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas” (Actos 1:8).

Num dos seus sermões, Hyles diz: “É esta a necessidade, meus caros irmãos! Ser cheios do Espírito. Como quer que o chamem, consigam-no. Já falámos o suficiente. É tempo de pormos de lado o nosso “eu” e orarmos pedindo o poder de Deus. Como o profeta declarou: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zacarias 4:6). Enquanto discutimos diferenças teológicas e doutrínarias, há um mundo que perece sem Deus e segue o caminho do inferno, porque nós — cristãos, pastores, cantores, líderes e professores — permanecemos sem a energia do Espírito Santo de Deus!”

Esta experiência não é nova para nós. Mas receberemos o batismo com o Espírito Santo só por ser uma doutrina básica da igreja? Se afastarmos o Espírito San-

to da nossa vida, ficaremos sem poder para testificar e ganhar almas. Teremos nós procurado com sinceridade, mas por vias erradas, ser “inteiramente santificados” — sem termos experimentado o poder do batismo com o Espírito Santo?

Num dos seus *Sermões Sobre o Evangelho de Mateus*, o Dr. P. F. Bresee escreveu: “Eis o grande campo de batalha... o diabo encontrou lugar seguro para aplicar a sua força. Se ele conseguir manter os homens afastados do batismo com o Espírito Santo, não só os afastará da obra de Deus, mas também os ligará à carnalidade e ao mundo para destruir a sua vida espiritual e impedir o trabalho do Senhor”. E acrescentou: “A multiplicação por qualquer processo alheio ao poder do Espírito Santo apenas significa números, registo de um cemitério e não de um exército activo”.

E ainda mais! O batismo com o Espírito Santo dá poder para testificar e pureza de afectos, aspiração e motivação. É a pureza de coração (Actos 15:8-9). Pureza que produz amor perfeito, compaixão, perdão, paciência, vontade de sofrer por Cristo e perseverança no poder do Espírito Santo.

Há momentos tocou o meu telefone. Um dos recém-convertidos perguntou-me do outro lado da linha: “Pastor, que está a fazer?”

“A escrever”, respondi. “E o que está você a fazer?”

“Acabo de ser batizado com o Espírito Santo e queria que o pastor fosse a segunda pessoa a saber”, disse ele.

“Maravilhoso!”, exclamei. “Mas quem foi a primeira?”

“Fui eu!”, respondeu — e, depois, continuou a contar o que se tinha passado. Ele orara e jejuara durante algum tempo. Agora regozijava-se. É sempre assim. Quando alguém é batizado com o Espírito Santo, ele é o primeiro a sabê-lo. Mas fica ansioso por contá-lo também a outros!

Será necessário treinamento e instrução para ganhar almas? Com certeza! No entanto, foi só depois do Pentecostes que os discípulos começaram ousadamente a testificar e a ganhar almas!

Esta deve ser a tarefa principal de todos os cristãos. “Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” (Actos 2:39). □



## DECLARAÇÃO DE FÉ

✓ **Um líder de jovens da nossa igreja insiste em que a frase "lei do pecado e da morte" (Romanos 8:2) se refere aos Dez Mandamentos. Somos livres dos Dez Mandamentos ou de viver dentro dos limites morais que eles estabelecem?**

A "lei do pecado e da morte" não se refere aos Dez Mandamentos. Acerca deles (a lei moral) o apóstolo Paulo escreveu: "E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom". Depois continua a dizer que esta lei, que é boa, "operou em mim a morte".

A "lei do pecado e da morte" identifica-se com o que Paulo declarou: "Vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado, que está nos meus membros" (Romanos 7:23).

Somos atormentados e escravizados pela lei do pecado, porque enquanto a mente aceita a lei de Deus, a vontade sente dificuldade em cumpri-la. O pecador é enganado, enfraquecido e vencido por Satanás. Por isso, torna-se incapaz de guardar a lei moral que aprova em momentos de reflexão.

Cristo morreu por nossos pecados e para nos dar a vida do Espírito; mas não para nos livrar dos Dez Mandamentos. Assim possibilitou que, como remidos, os cumpríssemos, vivêssemos gozosos e livres dentro dos ensinamentos da lei moral de Deus: "Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Romanos 8:4).

✓ **Gostaria de saber o ponto de vista da Igreja do Nazareno quanto ao inferno. Em Judas 7 lemos: "Sofrendo a pena do fogo eterno". Nós cremos que o inferno é eterno e um lugar de tormento. Mas o termo "fogo" será simbólico ou real?**

Um dos Artigos de Fé do nosso Manual, (XII, 18) declara: "Os que são impenitentes até o fim, sofrerão eternamente no inferno".

Não existe "ponto de vista" da Igreja do Nazareno quanto ao termo "fogo". Existem, sim, várias opiniões. Alguns o interpretam em sentido literal e outros alegórico.

Pessoalmente, creio que "fogo" é usado em sentido figurado. Mas os escritores da Bíblia recorrem, por vezes, a linguagem alegórica, quando a realidade foge à narração literal. Se "fogo" é figura de linguagem, significa que a experiência da eterna separação de Deus, é pior que o sofrimento físico duma queimadura. Escolher esse destino é demasiado horrível para ser descrito.

A declaração doutrinal deve ser compreendida à luz do Artigo VI, que trata da Expição: "Cremos que Jesus Cristo... fez uma expiação completa para todo o

pecado humano; e que é suficiente para cada pessoa da raça de Adão". Deus ama a todos; Cristo morreu por todos; a promessa do Evangelho inclui todos. Quem se arrepende e crer, será salvo. Os que são "impenitentes até o fim", trocaram Deus por eles mesmos, a vida pela morte e o céu pelo inferno.

✓ **Por que usam os nazarenos terminologia tão variada para descrever uma experiência religiosa? Quando vão ao altar orar, acabam por não saber se se arrependeram dos pecados, se foram salvos, santificados, justificados, regenerados, perdoados, purificados, avivados espiritualmente, nascidos de novo, cheios do Espírito ou transformados. Desconhecem se receberam: perfeição cristã, amor perfeito, pureza de coração, batismo com o Espírito Santo, plenitude da bênção, segunda bênção, santidade, redenção ou salvação. Não bastará declarar que se é cristão e que se pôs Deus em primeiro lugar na vida?**

Você exagera a confusão do povo nazareno. Permita-me esclarecer que sua queixa não se deve dirigir "aos nazarenos", mas à Bíblia, pois a maioria dos termos que alude encontram-se nela implícita ou explicitamente; e ainda outros que você não menciona!

Mas se crê que a Bíblia é a Palavra de Deus, então a queixa dirige-se a Deus, seu Autor divino. Não se deve criticar o uso de terminologia bíblica para descrever experiências religiosas.

A sua oposição, anulando simplesmente os termos, não é suficiente. Que responderia você a quem lhe perguntasse que significa ser cristão e que fazer para sê-lo? Imediatamente lhe repetiria os termos que reprova; isto é, que Cristo morreu por nossos pecados (redenção), que é preciso arrepender-se (arrependimento), ter fé em Cristo, batizar-se e pôr Deus em primeiro lugar na vida.

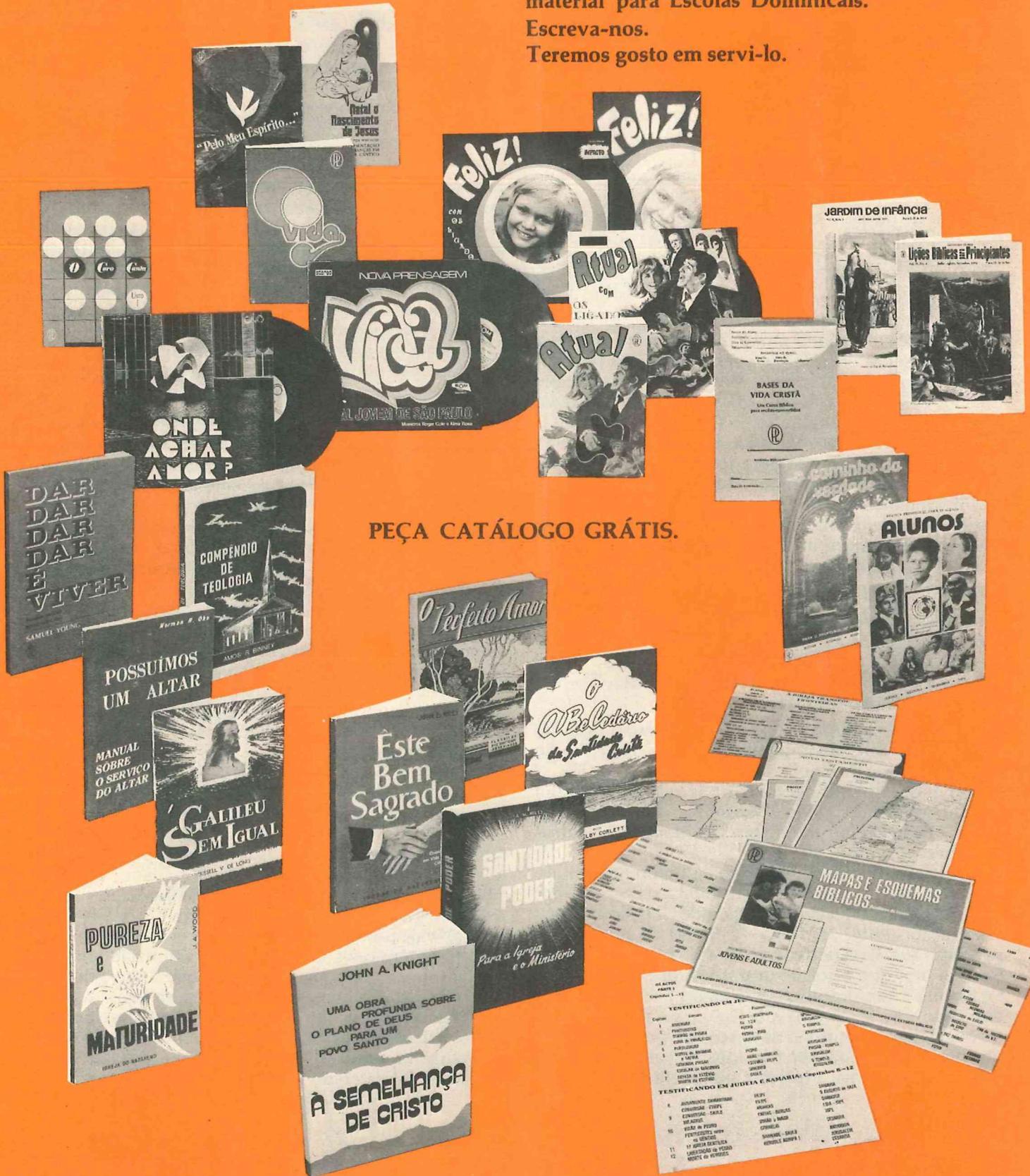
Não nos opomos à sua declaração, mas reconhecemos que diferentes autores, sob a providência divina, nos legaram certa variedade de termos para explicar as fases da conversão. O objectivo é o de melhor compreendermos a obra realizada em nós pelo Senhor. A frase que o amigo indica é demasiado simples, quando a experiência cristã tem tantos aspectos.

O que você sugere não explica nem pressupõe a obra divina, aquilo que Deus fez; apenas menciona o que o homem deve fazer. A Bíblia vinca não tanto o que o homem deve fazer, mas o que Deus fez por meio de Cristo para nos remir do pecado.

Concordo em evitar a confusão do povo. Mas ela não se evita com apenas repetir uma fórmula que contém parte da verdade. Evita-se, sim, ao estudar cada porção da Bíblia como fazendo parte de um todo. □

# SABIA?

A Casa Nazarena de Publicações  
pode fornecer—livros—música—discos—  
material para Escolas Dominicais.  
Escreva-nos.  
Teremos gosto em servi-lo.



PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS.

TESTIFICANDO EM JERUSALÉM		TESTIFICANDO EM JUDEIA E SAMARIA: Capítulos 8-12	
1. ANUNCIAR	2. CONVENCER	3. REPRIMIR	4. ENVIAR
5. PERSEGUIR	6. ESCOLHER	7. REPRIMIR	8. ENVIAR
9. PERSEGUIR	10. ESCOLHER	11. REPRIMIR	12. ENVIAR
13. PERSEGUIR	14. ESCOLHER	15. REPRIMIR	16. ENVIAR
17. PERSEGUIR	18. ESCOLHER	19. REPRIMIR	20. ENVIAR
21. PERSEGUIR	22. ESCOLHER	23. REPRIMIR	24. ENVIAR
25. PERSEGUIR	26. ESCOLHER	27. REPRIMIR	28. ENVIAR
29. PERSEGUIR	30. ESCOLHER	31. REPRIMIR	32. ENVIAR
33. PERSEGUIR	34. ESCOLHER	35. REPRIMIR	36. ENVIAR
37. PERSEGUIR	38. ESCOLHER	39. REPRIMIR	40. ENVIAR
41. PERSEGUIR	42. ESCOLHER	43. REPRIMIR	44. ENVIAR
45. PERSEGUIR	46. ESCOLHER	47. REPRIMIR	48. ENVIAR
49. PERSEGUIR	50. ESCOLHER	51. REPRIMIR	52. ENVIAR
53. PERSEGUIR	54. ESCOLHER	55. REPRIMIR	56. ENVIAR
57. PERSEGUIR	58. ESCOLHER	59. REPRIMIR	60. ENVIAR
61. PERSEGUIR	62. ESCOLHER	63. REPRIMIR	64. ENVIAR
65. PERSEGUIR	66. ESCOLHER	67. REPRIMIR	68. ENVIAR
69. PERSEGUIR	70. ESCOLHER	71. REPRIMIR	72. ENVIAR
73. PERSEGUIR	74. ESCOLHER	75. REPRIMIR	76. ENVIAR
77. PERSEGUIR	78. ESCOLHER	79. REPRIMIR	80. ENVIAR
81. PERSEGUIR	82. ESCOLHER	83. REPRIMIR	84. ENVIAR
85. PERSEGUIR	86. ESCOLHER	87. REPRIMIR	88. ENVIAR
89. PERSEGUIR	90. ESCOLHER	91. REPRIMIR	92. ENVIAR
93. PERSEGUIR	94. ESCOLHER	95. REPRIMIR	96. ENVIAR
97. PERSEGUIR	98. ESCOLHER	99. REPRIMIR	100. ENVIAR